

O PROFESSOR DE ENFERMAGEM — ATUAÇÃO EM CAMPO CLÍNICO

Marie Germaine Claire Lanthier¹

LANTHIER, M. G. C. O professor de Enfermagem: — atuação em campo clínico. *Rev. Bras. Enf.*, Brasília 37(1): 2-11, 1984.

RESUMO. O estudo procurou averiguar a opinião dos estudantes de enfermagem a respeito de determinados papéis desempenhados pelos professores em campo clínico, a fim de saber qual destes mais influencia na sua aprendizagem. Os três papéis escolhidos — Orientador, Facilitador e Modelo — fundamentam-se nas três seguintes teorias: Bloom, Rogers e Bandura. Os resultados revelaram uma predileção para o papel de Modelo, sendo esta, entretanto, mais acentuada no grupo de estudantes que se acham nos últimos períodos do curso.

ABSTRACT. The study was to verify the students' opinions to the role of nursing teacher in clinical situation, to know what is the most important in learning: orientation, facilitator and as a model, as preconized by Bloom, Rogers and Bandura. The results described the teacher as a model, and it is predominant among the students of the last period of the course.

INTRODUÇÃO

O estágio, no ensino de enfermagem, constitui uma importância primordial na formação do estudante. Um dos elementos que contribui mais fortemente para que a aprendizagem seja a mais eficiente possível é, sem dúvida, o papel desempenhado pelo professor de enfermagem na situação real de prática profissional.

Tem-se observado que os professores desempenham o seu papel de formas muito diferenciadas, o que levou o autor deste trabalho a perguntar: Qual dos papéis desempenhados pelo professor de enfermagem, em uma situação de ensino clínico e/ou estágio, mais ajudaria o estudante na sua aprendizagem da profissão de enfermeiro?

Diante da impossibilidade de inquirir sobre todos os papéis assumidos pelos professores, limitou-se esta pesquisa aos três seguintes:

tes: o de Orientador, o de Facilitador e o de Modelo.

O professor Orientador distingue-se pela sua preocupação em controlar a aprendizagem do aluno. Procura observar o seu desempenho a fim de poder dar-lhe sempre que necessita, a orientação devida.

O professor Facilitador diferencia-se pela atenção dada à pessoa do estudante. Observa atenciosamente as suas reações durante o processo de aprendizagem para poder proporcionar-lhe no momento oportuno, o apoio e compreensão desejados.

O professor Modelo, por outro lado, dedica-se mais em demonstrar como deve atuar o enfermeiro na prestação de assistência ao paciente. Pretende pelas suas ações "servir de exemplo" da prática profissional para o estudante.

Escolheram-se estes três papéis, em virtude da eficiência por eles demonstrada no processo ensino aprendizagem como também pelo

1. Professor Adjunto, UFMA. COREn-MA 013502.

apoio das teorias em que se baseiam, a saber: a teoria de aprendizagem escolar de B.S. Bloom, a teoria humanística de C.R. Rogers e a teoria da modelação de A. Bandura.

Objetivos

Diante da problemática exposta, buscou-se atingir especificamente os seguintes objetivos:

a) Averiguar a opinião dos estudantes de enfermagem, isto é, daqueles que cursam as disciplinas Enfermagem Médico-Cirúrgica e Enfermagem em Emergência, no que diz respeito a qual dos três papéis (Orientador, Facilitador e Modelo) desempenhados pelo professor, em uma situação de ensino clínico e/ou estágio, mais os ajuda na aprendizagem de seu desempenho futuro, como enfermeiro.

b) Comparar as opiniões dos estudantes das duas disciplinas quanto às características preferenciais que eles esperam do professor.

Hipóteses

Na tentativa de encontrar respostas que expliquem a problemática levantada, formularam-se as seguintes hipóteses:

a) Existe diferença significativa entre os pontos atribuídos pelos estudantes da disciplina Enfermagem Médico-Cirúrgica aos papéis do professor de Orientador, Facilitador ou Modelo.

b) Existe também diferença significativa entre os pontos conferidos pelos estudantes da disciplina Enfermagem em Emergências aos papéis do professor de Orientador, Facilitador ou Modelo.

Definições de termos

Para tornar claros os conceitos utilizados neste trabalho, definir-se-á, a seguir, alguns deles.

Papel: "Maneira de agir", "conjunto de comportamentos" ou "participação do indivíduo em relação a outras pessoas em situação inter-racional" (RODRIGUES, 1978, p. 15).

Papel do professor: Conjunto de comportamentos desempenhados pelas pessoas que exercem a função de professor.

Papel do professor orientador: É o conjunto de comportamentos desempenhados pelo professor que deseja "controlar a aprendizagem" de cada um dos seus alunos. São estes os principais comportamentos demonstrados: fornece explicações ao estudante cada vez que se fazem necessárias; guia-o na solução dos problemas do paciente; faz apelo aos conheci-

mentos já adquiridos; informa-o dos seus progressos; leva-o a avaliar a assistência prestada e a partilhar com os demais colegas suas experiências de aprendizagem.

Papel do professor facilitador: É o conjunto de comportamentos do professor que "se preocupa com a pessoa do estudante". São estes os comportamentos essenciais: demonstra-lhe compreensão quando erra e dá-lhe liberdade de ação e pensamento; reconhece as suas potencialidades; valoriza os seus esforços para progredir e elogia-o sempre que merece. Além disso, mostra-se aberto para as críticas e sugestões dos alunos e solicita até avaliação do seu próprio desempenho.

Papel do professor modelo: Neste papel, o professor pretende, pelas suas ações, "servir de exemplo" da prática profissional para o estudante. Para isso, desempenha os seguintes comportamentos: presta cuidados aos pacientes, aplicando os conhecimentos ensinados; dá apoio emocional, estimula a participação e sempre que possível faz educação dos pacientes; identifica alterações no seu estado de saúde e atua prontamente em situações de emergências.

Papel do enfermeiro: Conjunto de comportamentos que se espera que o aluno de enfermagem adquira durante a sua formação. Este termo engloba os desempenhos do enfermeiro, na prestação de assistência direta ao paciente hospitalizado, na área médico-cirúrgica.

Revisão da literatura

Um breve comentário sobre as teorias que serviram de base para escolha dos três papéis do professor, objeto do presente estudo, será feito a seguir. Entretanto, uma descrição mais completa das referidas teorias assim como as suas possíveis aplicações no ensino da enfermagem encontram-se na monografia de mestrado da autora deste trabalho.

A teoria de aprendizagem escolar de B. S. Bloom

BLOOM (1981) afirma que a natureza dos resultados da aprendizagem está na dependência das três seguintes variáveis: 1) comportamentos cognitivos do aluno, ao iniciar o estudo; 2) as suas características afetivas em relação a cada nova tarefa e 3) a qualidade do ensino.

Na primeira variável, considera que os alunos que recebem ajuda para alcançar os pré-requisitos necessários para a nova aprendizagem apresentam um desempenho subse-

quente muito melhor do que quando não lhes é dada essa ajuda.

Declara também que os alunos que iniciam um grupo de atividades com características negativas, provavelmente terão necessidade de uma melhor qualidade de ensino do que os alunos que as principiarem com motivação.

Refere que a qualidade do ensino torna-se pouco frutífera diante dos alunos que não possuem os pré-requisitos necessários para uma tarefa específica de aprendizagem, a não ser que o aluno adquira os comportamentos de entrada necessários por sua própria iniciativa, através de ajuda ou tutoria especiais ou por um tipo de ensino que inclua a recuperação de suas deficiências.

No intuito de demonstrar como o professor deve controlar a aprendizagem, tarefa considerada por ele primordial, relata, a título de exemplo, suas observações com tutores que ensinavam a um só aluno de cada vez.

O tutor, diz ele, averigua quais os conhecimentos e habilidades que o aluno já possui, a fim de poder determinar o que ele ainda necessita aprender para atingir o domínio da aprendizagem requerida. Ao iniciar o treinamento, o professor orienta o aprendiz sobre o que ele deve fazer, dando-lhe as informações ou explicações pertinentes ou ainda recorrendo aos incentivos que mais se ajustem ao aluno, tais como demonstrar o procedimento, recordar conhecimentos já aprendidos, etc.

A seguir, ele observa as respostas do aluno às diretrizes dadas, oferece incentivos adicionais ou muda a forma de ensino até que o aluno capte a instrução.

O professor, no regime tutorial, avalia a quantidade de prática que o aluno necessitará para atingir o domínio requerido e determina onde e quando precisará de retroalimentação ou ajuda adicional.

O tutor oferece também, os reforços ou as recompensas necessárias a fim de manter o aluno motivado e perseverante na sua tarefa de aprendizagem.

Finalizando, o autor conclui que “uma das implicações da teoria é que a igualdade dos resultados da aprendizagem pode ser um objetivo da educação em vez de igualdade de oportunidades” (p. 221). Sugere aos professores que procurem dar a cada aluno sob sua responsabilidade, a ajuda e a orientação que ele necessita no momento exato em que precisa e não propiciar tratamento idêntico a todos os alunos.

As estratégias utilizadas pelo professor, no estágio, aproximam-se muito da atuação do

professor tutor, descrita por Bloom como sendo uma das formas que melhor permite o controle da aprendizagem do aluno.

O professor de enfermagem, no campo clínico, não tem só um estudante sob sua responsabilidade, como o tem o tutor, mas ele é levado a dar uma orientação individualizada a cada aluno.

Em vista disso, o autor da presente pesquisa preferiu a denominação de *orientador* à de tutor para retratar o professor de enfermagem dentro da linha de Bloom.

A colocação do estudante frente a situações reais da prática profissional, exige que o professor esteja sempre perto dele para lhe fornecer as orientações necessárias ao bom e seguro desempenho de suas tarefas junto ao doente.

A teoria humanística de aprendizagem de C. R. Rogers

ROGERS (1978) considera a aprendizagem como uma atividade pessoal do aluno na qual a responsabilidade do professor consiste essencialmente em facilitar a aprendizagem. Por esta razão, declara que a educação deve ser centrada no estudante e não no professor ou no ensino.

“Os seres humanos têm natural potencialidade de aprender”, diz ele (p. 159). É uma necessidade inerente à natureza do homem descobrir o mundo em que vive, conhecer cada vez melhor a complexidade das coisas que o cercam e querer explicar os fenômenos da existência humana.

Afirma que o aluno aprende com mais interesse um determinado assunto e o memoriza também por maior espaço de tempo na medida em que o tema em pauta representa algo significativo e de valor para ele.

Esta aprendizagem “significativa” é mais eficiente, refere ROGERS, pois envolve toda a pessoa do estudante, tanto do ponto de vista afetivo quanto cognitivo. Ela é também auto-iniciada, penetrante e auto-avaliada.

Como proporcionar uma aprendizagem significativa dentro do sistema atual de educação? ROGERS apresenta várias alternativas, entre elas:

1) Reduzir ao mínimo as ameaças externas que bloqueiam a aprendizagem.

2) Proporcionar um clima que favoreça a liberdade de ação e de pensamento, desenvolvendo um relacionamento pessoal e verdadeiro entre o professor e o aluno.

3) Envolver o estudante no seu processo de aprendizagem, colocando-o em confronto

com situações reais, deixando-o tomar suas próprias decisões e participar, responsabilmente, das conseqüências de suas escolhas.

A "Facilitação da Aprendizagem Significativa", segundo o autor, não se baseia nas habilidades do professor para ensinar, nos seus conhecimentos, no planejamento do curso, emprego de recursos audio-visuais, acervo bibliográfico, embora tudo isso possa ser utilizado, uma vez ou outra como recurso importante. Ela se alicerça em certas qualidades de comportamento que ocorrem no relacionamento pessoal entre o facilitador e o aprendiz. Consiste em ser autêntico, em ter apreço, aceitação e confiança na pessoa do estudante, além de possuir uma compreensão empática.

O papel do Facilitador é, na verdade, o oposto do papel de "fiscalizador" da aprendizagem demonstrado por alguns professores de enfermagem que estão mais inclinados em observar as falhas cometidas pelo aluno do que os seus acertos.

A teoria de aprendizagem social de A. Bandura

A aquisição de novos comportamentos ou a modificação dos já adquiridos, segundo Bandura (1979), ocorrem com muita freqüência, por meio de um dos processos mais fundamentais de aprendizagem que se denomina *modelação*.

Dentro da teoria de aprendizagem social, foram desenvolvidas várias pesquisas com o fim de demonstrar que a aprendizagem pode resultar da simples observação do comportamento de uma pessoa ou de suas conseqüências. Por exemplo, uma criança pode adquirir um padrão altamente complexo de respostas somente observando um modelo que pode ser o seu pai ou um outro adulto. Uma pessoa pode modificar suas respostas emotivas ao observar as reações de domínio e aceitação de um doente que sofre dores intensas. Um recém-formado pode procurar imitar o comportamento de um colega mais velho após observar que este último foi elogiado pelo seu bom desempenho.

A *modelação*, refere BANDURA (1980), compreende quatro subprocessos que se inter-relacionam e que possuem, cada um, um conjunto de variáveis. São eles: o processo de atenção, o de retenção, o de reprodução motora e o de motivação/reforço.

Dentro do processo de atenção, assinala que são as qualidades do próprio modelo que maior importância têm para a aprendizagem social. Por exemplo, pessoas que possuem alta

competência ou *status*, peritos e celebridades chamam mais a atenção e servem de fontes mais influentes de comportamento social do que aqueles que não possuem estas qualidades.

Quando, ao observar um modelo, o aprendiz descobre um comportamento que lhe parece de grande utilidade, este procura registrar todos os passos efetuados pelo primeiro, fazendo uso do ensaio e/ou da codificação simbólica a fim de, no momento oportuno, ser capaz de reproduzir o mesmo comportamento com igual exatidão.

O processo de reforço preenche um papel importante na aprendizagem social, diz BANDURA (1980), pois ele controla a atenção, facilita a retenção pela codificação simbólica e estimula a reprodução das respostas modeladas.

O reforço pode ser oferecido tanto ao próprio indivíduo quanto ao modelo, sendo este último chamado de reforço vicário. Também o próprio indivíduo pode servir de fonte de reforço e em algumas circunstâncias, afirma o autor, os efeitos do auto-reforço prevalecem sobre os reforços provenientes de outrem.

Com o advento da *modelação*, descobriu-se que imitar um modelo é um fenômeno completamente natural e espontâneo para o ser humano. As próprias qualidades do modelo servem de estímulos ao aprendiz e constituem a variável mais importante deste processo de aprendizagem.

No ensino de enfermagem, essencialmente aquele realizado em campo clínico, é de convir que os estudantes estão continuamente em contato com vários modelos da prática profissional e que os mesmos podem influenciar, tanto positiva quanto negativamente, na formação do estudante. Daí a importância de oferecer aos estudantes bons modelos a fim de que o seu processo de socialização seja o mais perfeito e positivo possível.

METODOLOGIA

A presente investigação pretendeu ser unicamente exploratória, pois teve como finalidade conhecer a opinião de dois grupos de estudantes sobre os papéis e características do professor. Serão descritas a seguir as etapas percorridas para atingir os propósitos traçados.

População

A população compreendeu os alunos das duas escolas de graduação em enfermagem, da cidade de Salvador — a da Universidade Fe-

deral da Bahia (UFBA) e da Universidade Católica de Salvador (UCSAL) — que se matricularam nas disciplinas Enfermagem Médico-Cirúrgica e Enfermagem em Emergências, entre os anos de 1970 a 1980 e que virão a se matricular nos próximos anos.

Amostra

A amostra foi composta levando em consideração os seguintes critérios: 1) ser alunos matriculados numa das duas disciplinas, acima referidas, no 2.º semestre de 1980; 2) haver completado mais de dois terços da carga horária de estágio da respectiva disciplina.

As disciplinas escolhidas correspondem à da área de concentração do curso de mestrado em que a autora deste estudo estava matriculada, e o período — a amostra — foi determinado a partir do cronograma estabelecido para a coleta de dados.

A composição da amostra aparece na Tabela 1, a seguir:

TABELA 1 — Composição da amostra dos alunos segundo a escola e a disciplina. Salvador, 1980.

Disciplinas	Escolas		Total
	UCSAL	UFBA	
Grupo A Enf. Médico- Cirúrgica	33	26	59
Grupo B Enf. em Emergências	37	40	77
Total	70	66	136

Dos 136 respondentes, sete tiveram suas respostas prejudicadas. Totalizou-se finalmente a amostra da seguinte forma: grupo A — 55 alunos; grupo B — 74 alunos.

Instrumento de coleta de dados

O instrumento — o questionário — teve como respaldo as teorias de aprendizagem descritas anteriormente e a literatura sobre a educação em enfermagem que trata, especificamente, da atuação do professor em campo clínico.

Constou o mesmo, numa primeira etapa, de três listagens compostas de dez características que retratavam cada um dos papéis do professor Orientador, Facilitador e Modelo (Vide anexo).

Este instrumento foi distribuído a um grupo de juízes (dez professores) a fim de julgá-lo quanto à sua pertinência e importância.

Os juízes acharam as características pertinentes e classificaram 90% delas, como “extremamente importantes” e “muito importantes”.

Baseado neste julgamento, foi preparado um segundo instrumento constando de uma única listagem onde se misturavam os elementos das três listagens anteriores a fim de que os alunos não descobrissem os objetivos pretendidos.

Tabulação e tratamento estatístico

A fim de permitir a tabulação dos resultados, foi atribuído um peso a cada categoria da escala de importância, variando de 1 a 4, como segue: extremamente importante — 4; muito importante — 3; importante — 2; pouco importante — 1.

Para o tratamento estatístico, utilizou-se o teste não paramétrico de Friedman que, segundo CAMPOS (1979) e SIEGEL (1975) é uma prova de postos que consiste em determinar se os seus totais diferem significativamente.

Para atender ao segundo objetivo desta pesquisa que visava saber quais as características, dentre as relacionadas no questionário, eram as mais preferidas pelos estudantes, procedeu-se ao somatório dos pontos atribuídos pelos estudantes em cada uma das características.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

As hipóteses levantadas, no início do trabalho, foram aceitas como comprovou o teste não paramétrico de Friedman.

Limitar-se-á, entretanto, a apresentar somente as conclusões do referido teste, deixando, a quem interessar conhecer todos os procedimentos estatísticos, consultar a monografia da autora.

Para o grupo A, o primeiro teste demonstrou uma diferença significativa estatisticamente quando os três papéis foram analisados em conjunto. Para descobrir a origem dessa significância, confrontaram-se os papéis dois a dois, isto é, (Modelo X Facilitador) (Modelo X Orientador) e (Facilitador X Orientador). Desta vez, o segundo teste revelou diferença significativa somente entre o Modelo e o Orientador, explicando porque houve diferença significativa no primeiro teste.

Conclui-se daí que os estudantes da disciplina Enfermagem Médico-Cirúrgica parecem atribuir um valor maior ao papel de Modelo somente quando este é comparado ao papel de Orientador.

Para o grupo B o primeiro teste demonstrou que existe diferença estatisticamente significativa entre os pontos atribuídos aos três papéis do professor, concluindo que os estudantes da disciplina Enfermagem em Emergência parecem atribuir uma importância bem diferente aos três papéis em estudo. O confronto dos papéis dois a dois veio comprovar que a significância se encontra nas três condições, o que levou o pesquisador a concluir que os estudantes desta disciplina atribuem um valor

distinto aos três papéis do professor e conferem-lhes a seguinte ordem de prioridade: 1.º Modelo, 2.º Facilitador e 3.º Orientador.

O segundo objetivo da pesquisa pretendia comparar as opiniões dos dois grupos de estudantes quanto às características do professor que receberam maior número de pontos. Ver-se-á a seguir, os resultados dos dois grupos.

Primeiramente, na Tabela 2, encontram-se as características melhor classificadas pelo grupo A, com seus respectivos pontos.

TABELA 2 — Características do professor, por ordem decrescente, segundo opinião dos estudantes do grupo A. Salvador, 1980.

Itens	Características	Papel do professor	Pontos obtidos
1	Presta com dedicação cuidados de enfermagem aos pacientes	Modelo	202
7	Dá liberdade de ação e pensamento	Facilitador	202
3	Atua prontamente em situação de stress e/ou emergência	Modelo	196
8	Integra-se no planejamento dos cuidados, visando a eficiência da assistência aos pacientes	Modelo	195
2	Demonstra profunda compreensão quando você erra e estimula-o a crescer a partir destes erros	Facilitador	195
4	Elogia-o, sempre que merece	Facilitador	195
9	Valoriza os seus esforços para progredir	Facilitador	194
5	Dá apoio emocional aos pacientes informando-os sobre a assistência que lhes vai ser prestada	Modelo	193
10	Aproveita todas as oportunidades para fazer educação dos pacientes	Modelo	192
2	Explica-lhe, como proceder nas tarefas mais difíceis	Orientador	190

Obs.: Os itens das características correspondem à numeração dada às três listagens do questionário aplicado aos juízes (Anexo).

À primeira vista observa-se que o grupo A classifica uma só característica do professor Orientador contra quatro do professor Facilitador e cinco do professor Modelo.

Disputando o primeiro lugar, tem-se uma característica do professor Modelo e uma do professor Facilitador com uma diferença de pontos importante em relação aos demais valores atribuídos às características.

Ver-se-á a seguir os resultados alcançados pelo grupo B. (Tabela 3).

Apesar da maioria das características pertencerem ao professor Modelo, a que obteve maior número de pontos é uma característica do professor Facilitador e, em último lugar,

empatando com uma característica do professor Modelo, aparece a única classificada para o professor Orientador. A diferença entre os pontos atribuídos a cada uma dessas características é relativamente pequena.

Comparando as duas tabelas, percebe-se que os dois grupos classificaram como mais importantes quase as mesmas características.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise estatística dos resultados demonstrou que os estudantes da disciplina Enfermagem em Emergências atribuem uma or-

TABELA 3 — Características do professor por ordem decrescente, segundo opinião dos estudantes do grupo B. Salvador, 1980.

Itens	Características	Papel do professor	Pontos obtidos
2	Demonstra profunda compreensão quando você erra e estimula-o a crescer a partir destes erros	Facilitador	263
5	Dá apoio emocional aos pacientes informando-os sobre a assistência que lhes	Modelo	267
10	Aproveita todas as oportunidades para val se prestada fazer educação dos pacientes	Modelo	267
3	Atua prontamente em situação de stress e/ou emergência	Modelo	266
1	Presta, com dedicação, cuidados de enfermagem a pacientes	Modelo	266
8	Integra-se no planejamento dos cuidados, visando a eficiência da assistência aos pacientes	Modelo	266
9	Estimula a participação dos pacientes em tudo o que diz respeito ao seu tratamento	Modelo	264
7	Dá liberdade de ação e pensamento	Facilitador	264
9	Valoriza os seus esforços para progredir	Facilitador	264
4	Demonstra competência clínica, integrando na prática os ensinamentos teóricos	Modelo	260
2	Explica-lhe como proceder nas tarefas difíceis	Orientador	260

dem de importância distinta aos três papéis do professor em estudo, colocando em primeiro lugar o professor Modelo, em segundo, o professor Facilitador e em terceiro, o professor Orientador. Por sua vez, os estudantes da disciplina Enfermagem Médico-Cirúrgica estabelecem uma diferença significativa somente entre os papéis de Modelo e de Orientador, sendo mais valorizado, o de Modelo.

A predominância do papel de Modelo para os estudantes da disciplina Enfermagem em Emergências pode, à primeira vista, parecer estranha, uma vez que eles se encontram nos últimos períodos do curso, supondo-se que não necessitassem mais de modelos. Talvez o fato do professor lhes conferir maiores responsabilidades no estágio, ou ainda, de que em breve terão de responder pelos seus próprios atos como enfermeiros, podem levá-los a sentir necessidade de ter à sua disposição "modelos" da prática profissional a fim de poderem imitar os seus comportamentos.

Os estudantes da disciplina Enfermagem Médico-Cirúrgica também atribuíram ao pa-

pel de Modelo uma preferência notável ao colocar 50% das características deste entre as dez primeiras classificadas (Tabela 2).

Várias razões podem explicar porque o papel de Modelo mereceu, dos dois grupos, essa importância.

A *modelação*, isto é, a aprendizagem realizada através da observação de um modelo, sempre constituiu parte integrante do processo de socialização do indivíduo.

BANDURA & WALTERS (1978) citam vários exemplos destes fenômenos: a criança, desde cedo procurando imitar todos os gestos usuais do seu pai; o adolescente, na busca de se afirmar como pessoa, reproduz os comportamentos exibidos pelos seus modelos, estes, selecionados no ambiente escolar, através dos meios de comunicação social, etc. O adulto também faz apelo à *modelação*, sempre que se encontra numa situação nova ou embaraçosa e procura observar como atuam as demais pessoas do mesmo ambiente, a fim de imitar os seus modos de proceder para não chamar atenção.

É de convir que os estudantes de enfermagem, em campo clínico, também fazem amplo uso do processo de *modelação*, pois aí têm muitas oportunidades para observar todos os comportamentos requeridos do enfermeiro na prestação da assistência ao paciente.

As qualidades do Modelo, como foi visto anteriormente, constituem uma das variáveis mais influentes neste processo de aprendizagem. Segundo BANDURA & WALTERS (1978) as pessoas que têm prestígio, que demonstram competência, etc. têm maior probabilidade de chamar mais a atenção do aprendiz do que as que não possuem tais qualidades.

Para a formação do estudante de enfermagem, esta variável é sobremaneira importante, pois pelo fato de possuir o grau de enfermeiro, é assegurado um certo prestígio e é esperado deste demonstração de competência. Todavia, observa-se que no estágio, os estudantes entram em contato com modelos, os mais variados na escala de competência profissional, reagindo, cada um de forma bem diferenciada às respostas dos pacientes à doença, à dor, ao afastamento da família, etc.

Vários autores (Di Lascio, Carvalho, Kramer, Rauen e outros) chamaram a atenção sobre este fato, incentivando todos — enfermeiros docentes e enfermeiros de serviço — a uma reflexão sobre o seu papel de Modelo. Os mesmos autores reconhecem, entretanto, que ao professor de enfermagem cabe a primeira e maior responsabilidade de servir de modelo para os seus estudantes.

KRAMER (1973), numa pesquisa realizada junto a 220 jovens enfermeiras, confirma que elas foram desiludidas com os modelos de instrutores, no campo de estágio, pois além de serem jovens, demonstravam insegurança e não possuir muita experiência e nem vivência profissional.

Sem dúvida nenhuma, o professor que assume o papel de Modelo se compromete muito mais do que aquele que se dispõe somente a prestar esclarecimento ou a demonstrar um procedimento técnico, pois é toda a soa que será observada. O estudante busca no seu professor tanto as habilidades técnico-científicas focalizadas no decorrer das aulas, quanto as qualidades imprescindíveis ao relacionamento enfermeiro-paciente.

São todos esses comportamentos que os estudantes gostariam que os seus professores desempenhassem em campo clínico, o que explicaria também a prevalência pelo papel de Modelo.

Um outro aspecto inerente a este tipo de

aprendizagem levou o pesquisador a inferir que os estudantes foram, talvez, mais predispostos para o referido papel, em razão de que a *modelação* deixa o aprendiz totalmente livre para selecionar os comportamentos que ele necessita aprender.

A preferência dos estudantes de enfermagem pelo papel de Modelo foi também confirmada por RAUEN (1974) numa pesquisa de opiniões junto a 84 estudantes, onde concluiu que eles esperam que o professor, em campo clínico, desempenhe o papel de Modelo e reconhecem que este papel exerce uma influência importante na sua aprendizagem.

CONCLUSÕES

A presente sondagem de opiniões revelou-se bastante positiva, pelo fato de que permitiu aos estudantes avaliarem algumas formas de desempenho do papel do professor em campo clínico, apontando aquela que parece mais eficiente.

Os resultados permitem chegar às seguintes conclusões:

1) Que os estudantes da disciplina Enfermagem em Emergência, portanto, os mais avançados no curso, acham que os três papéis do professor em foco contribuem de forma distinta na aprendizagem da sua profissão, conferindo-lhes a seguinte ordem de importância: 1.º Modelo; 2.º Facilitador e 3.º Orientador.

2) Que os estudantes da disciplina Enfermagem Médico-Cirúrgica, que se encontram ainda na primeira etapa de formação profissional, apenas parecem atribuir uma predominância do papel de Modelo sobre o de Orientador.

3) Que algumas características de cada um dos papéis do professor em estudo, parecem contribuir de forma mais preponderante na aprendizagem dos estudantes das duas disciplinas, sendo elas as seguintes:

Modelo — “Presta com dedicação cuidados de enfermagem aos pacientes”; “Atua prontamente em situação de *stress* e/ou emergência”; “Dá apoio emocional aos pacientes, informando-os sobre a assistência que lhes vai ser prestada”; “Integra-se no planejamento dos cuidados, visando a eficiência da assistência aos pacientes”; “Aproveita todas as oportunidades para fazer educação dos pacientes”.

Facilitador — “Dá liberdade de ação e pensamento”; “Demonstra profunda compreensão quando você erra e estimula-o a crescer”.

cer a partir deste erro”; “Valoriza os seus esforços para progredir”.

Orientador — “Explica-lhe como proceder nas tarefas mais difíceis”.

LANTHIER, M. G. C. The nursing teacher in clinical situation. *Rev. Bras. Enf.*, Brasília, 37(1): 2-11, 1984.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BANDURA, A. Aprendizagem social e imitação: teoria da modelagem. In: SAHAKIAN, W. S. *Aprendizagem: sistemas, modelos e teorias*. 2. ed. Rio de Janeiro, Interamericana, 1980. cap. 8 p. 261 — 73.
- . *Modificação do comportamento*. Rio de Janeiro, Interamericana, 1979. 390 p.
- . & WALTERS, R. H. *Aprendizaje social y desarrollo de la personalidad*. Madrid, Alianza, 1978. 293 p.
- BLOOM, B. S. *Características humanas e aprendizagem escolar: uma concepção revolucionária para o ensino*. Rio de Janeiro, Globo, 1981. 306 p.
- CAMPOS, H. de. *Estatística experimental não paramétrica*. 3. ed. Piracicaba, Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, 1979. p. 228 — 36.
- CARVALHO, A. C. de. A doente de enfermagem como modelo a ser imitado. *Rev. Bras. Enf.*, Rio de Janeiro, 26 (6): 527 — 31, out./dez. 1973.
- DI LASCIO, C. M. D. S. Integração do recém-graduado na vida profissional. *Rev. Bras. Enf.*, Rio de Janeiro, 23 (3/6): 57 — 72, jul./dez. 1970.
- KRAMER, M. O conceito de modelo como estratégia de ensino. *Rev. Esc. Enf. USP*, São Paulo, 7 (2): 225 — 41, ago. 1973.
- DAUEN, K. C. The clinical instructor as Role Model. *J. Nurs. Educ. Thorofare*, 13 (3): 33 — 40, Aug. 1974.
- RODRIGUES, A. R. F. Teoria de papéis e enfermagem: o papel do enfermeiro psiquiátrico em ambulatório. Ribeirão Preto, 1978. 169 p. (Dissertação de Mestrado — Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da USP).
- ROGERS, C. R. *Liberdade para aprender*. 4. ed. Belo Horizonte, Interlivros, 1978. 330 p.
- SIEGEL, S. *Estatística não paramétrica para as ciências do comportamento*. São Paulo, Mc Graw-Hill do Brasil, 1975. p. 189 — 96.

ANEXO 1

QUESTIONÁRIO

Lista de características do professor em uma situação de ensino clínico

Encontram-se abaixo, três grupos de características que podem ser desempenhadas pelo professor, em uma situação de ensino clínico (grupo A — Orientador: grupo B — Facilitador e grupo C — Modelo).

Grupo A	Extremamente importante	Muito importante	Importante	Pouco importante
1. Informa ao estudante, os pacientes que apresentam maior interesse para sua aprendizagem				
2. Explica-lhe como proceder nas tarefas mais difíceis				
3. Orienta-o na execução dos procedimentos técnicos				
4. Discute, na passagem de plantão, sobre os resultados dos cuidados prestados aos pacientes				
5. Esclarece-lhe a importância do seu entrosamento na unidade				
6. Guia-o na solução dos problemas apresentados pelo paciente (utilizando o método científico)				
7. Leva-o a partilhar com os demais colegas em reuniões as suas experiências de aprendizagem				
8. Orienta-o como agir numa situação nova				
9. Questiona-o sobre a aplicação, na situação real, dos conceitos aprendidos em sala de aula				
10. Informa-o dos seus progressos e sobre o que necessita ser melhorado				

Obs.

Grupo B	Extrema- mente import- tante	Muito import- tante	Import- tante	Pouco import- tante
1. É aberto para ouvir críticas 2. Demonstra profunda compreensão quando você erra e estimula-o a crescer a partir destes erros 3. Deixa-o à vontade para fazer perguntas ou solicitar ajuda e orientação 4. Elogia-o, sempre que merece 5. É consciente de suas limitações e tenta superá-las 6. Mostra-se receptivo às suas idéias e sugestões 7. Dá liberdade de ação e pensamento 8. Solicita avaliação do seu desempenho 9. Valoriza os seus esforços para progredir 10. Reconhece as suas potencialidades				

Obs.:

Grupo C	Extrema- mente import- tante	Muito import- tante	Import- tante	Pouco import- tante
1. Presta, com dedicação, cuidados de enfermagem a pacientes 2. Identifica alterações no estado do paciente que requerem atendimento de urgência 3. Atua prontamente em situação de stress e/ou emergência 4. Demonstra competência clínica, integrando na prática os ensinamentos teóricos 5. Dá apoio emocional aos pacientes, informando-os sobre a assistência que lhes vai ser prestada 6. Emprega, com segurança, os princípios científicos nos cuidados aos pacientes 7. Preocupa-se com a reabilitação dos pacientes e ensina-os o auto-cuidado 8. Integra-se no planejamento dos cuidados visando a eficiência da assistência aos pacientes 9. Estimula a participação dos pacientes em tudo o que diz respeito ao seu tratamento 10. Aproveita todas as oportunidades para fazer educação dos pacientes				

Obs.: